

## **A Fronteira**

Evidente que não tenho qualquer controle sobre meu corpo. Inútil também sofrer pelo que já se foi: um não conseguir voltar atrás. Fecho meus olhos e entendo a aversão: minha crucificação em sua imagem, apegada (pregos nas extremidades) na morte do corpo. Sacrificar meu desejo pelo seu.

A princípio as estacas cerceando meu olhar parecem funcionar: um querer nos limites. O inusitado ocorre quando a entrada do amor desestabiliza minhas fronteiras, invadindo uma suposta territorialidade.

Intragável vulnerabilidade do saber-me outra de você: inúteis tentativas de fixar lugar e escorar vazios de olhar. Buracos sem estacas revelando a memória ancestral de fronteiras fantasmas – tentativas vãs de se defender do que trespassa na ilegalidade.

Barbárie sem pertencimento: ombros amparando muros de ar, imagens sem comarca.